

VITOR
MARTINS

The book cover features a stylized illustration of a person from the chest up, wearing a black t-shirt and a light blue apron with white stars. The person has a large nose and a few freckles. Two circular pins are on the apron: one on the left shows a pirate with an eye patch, and one on the right shows a bearded man in a blue cap. A small white and red rocket is pinned near the top right. A hand is visible at the bottom, holding a blue object. The background is red.

um
milhão
de finais
Felizes

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abandono

Abuso Emocional

Abuso religioso

Gordofobia

Homofobia e bifobia

Racismo

Relações familiares

tóxicas

*Para as famílias
que escolhemos*



CAPÍTULO 1

Odeio o meu pai.

É tudo em que consigo pensar enquanto levo um raspanete do Douglas, o gerente, por ter chegado atrasado ao trabalho pela terceira vez esta semana.

Jurei que me ia esforçar por acordar mais cedo e fazer o caminho de Santo André até ao Rocket Café, na Avenida Paulista, sem atrasos. Hoje os meus planos tinham tudo para dar certo, mas fui interrompido por um sermão do meu pai sobre contas atrasadas e responsabilidade. Se eu não tivesse respondido, a discussão não teria demorado. Se não me tivesse irritado, ter-me-ia lembrado de pôr o guarda-chuva na mochila. Se não me tivesse esquecido do guarda-chuva, não estaria ensopado da cabeça aos pés, com os óculos embaciados e as meias molhadas.

Essa é capaz de ser a pior parte. As meias molhadas.

Peço-lhe desculpa e prometo que vou prestar mais atenção às horas. O Douglas finge acreditar e diz-me para ir para a caixa. Considero perguntar-lhe se tem um par de meias secas que me possa emprestar, mas acho que seria um abuso demasiado grande da minha parte, por isso vou a correr até à salinha dos fundos para vestir o meu uniforme e começar mais um dia de trabalho.

Depois de ter acabado o secundário, passei quase um ano inteiro sem fazer nada. Os meus pais não têm dinheiro para me ajudar a pagar uma universidade privada, e eu não estudei o suficiente para passar no exame das universidades públicas.

Para ser sincero, nem sei se *quero* ir para a universidade.

Para ser ainda mais sincero, nem sei *o que* quero. Da vida. No geral.

Consegui o trabalho de caixa no Rocket Café no final do ano passado e, agora em janeiro, completo o meu terceiro mês aqui.



O Rocket é um franchising de cafetarias famoso pelo seu visual futurista. Tudo aqui dentro é inspirado no espaço sideral, e eu passo o dia inteiro a atender pessoas ricas o suficiente para pagarem quinze reais por um cappuccino só porque se chama *Galactccino*. Ou onze reais por um muffin de baunilha verde com olhos de alien feitos de chocolate.

OK, o Muffin Alien é fixe.

Visto-me em tempo recorde e, às oito e quinze, já estou uniformizado e atrás do balcão. Aqui a indumentária consiste numa camisa preta, num boné vermelho com um foguete bordado e num avental holográfico (sim) que quase me cobre o corpo inteiro.

Mesmo com a chuva torrencial lá fora, a fila do Rocket está enorme, cheia de trabalhadores desesperados por um copo de café superinflacionado, e a Karina, a minha colega de trabalho e dupla de caixa, sorri aliviada quando me vê.

— Atrasado outra vez, principezinho? — pergunta ela, entre um pedido e outro.

— Cheguei para te salvar — respondo, tentando esboçar um sorriso, sinalizando a minha caixa como livre para o próximo da fila.

A Karina chama-me principezinho quando quer me irritar. A nossa primeira interação oficial foi no final do meu primeiro dia de trabalho. Ainda não tínhamos sido apresentados e eu estava na salinha dos funcionários de mochila às costas, livro na mão e pronto para me ir embora.

— Estás a gostar de *O Principezinho*? — perguntou-me com um sorriso no rosto, apontando para o livro que eu tinha na mão enquanto soltava o seu cabelo de um carrapito. Assustei-me porque não esperava que alguém fosse ser generoso comigo no primeiro dia, mas aquela rapariga gorda de cabelos lisos muito escuros parecia simpática.

— Olá... Karina — respondi, ainda meio envergonhado, lendo o nome no crachá que estava pendurado no avental dela, ao lado de um pin com a cara do Ryan Gosling. (Podemos pôr pins nos nossos aventais prateados, mas isso não faz com que sejam menos ridículos.)

— Olá, Jonas — respondeu ela com um sorriso. Eu já tinha tirado o meu crachá, mas acho que toda a gente sabe o nosso nome quando somos o rapaz novo. — Estás a gostar? D'O *Principezinho*?



— Para ser sincero, estou a achá-lo um bocado mau. Oficialmente um dos livros mais sobrestimados de todos os tempos. Acho que quem adora este livro provavelmente nunca leu outra coisa na vida — respondi, sem saber de onde vinha toda aquela sinceridade (é provável que o Ryan Gosling a olhar para mim me tenha deixado nervoso). Sempre fui muito convicto no que toca a odiar coisas, mas não costumava abrir-me assim tanto com estranhos, até àquele dia.

— Eu tenho «O essencial é invisível aos olhos» tatuado nas costas — respondeu Karina, séria, sem sequer pestanejar.

Senti o rosto a ficar vermelho de vergonha, sem saber onde me enfiar. Queria sair dali a correr, mas a Karina começou a rir e apoiou a mão no meu ombro.

— A tua cara de apavorado fez-me o dia — disse.

— Mas é a sério? A cena da tatuagem? — perguntei, confuso.

— É. Mas podemos ser amigos à mesma.

E, desde então, ela foi a primeira (e única) amizade que fiz aqui no Rocket. Só que ser amigo da Karina significa aturá-la a chamar-me pelo nome da personagem mais irritante da literatura sem poder reclamar.

A meio da manhã, quando a fila começa a diminuir, a Karina fica sozinha na caixa enquanto eu vou para o balcão preparar as bebidas. É uma tarefa da qual eu gosto porque exige pouco esforço e pouca concentração. Já sei a maioria das receitas de cor e só me atrapalho um bocado quando algum cliente sem alma pede alguma coisa absurda, como chá verde com leite de soja, essência de framboesa e pepitas de chocolate (factos reais).

Faço o meu trabalho sem ter grandes complicações, até que uma mulher alta e loira se aproxima do balcão.

— O meu pedido está errado — reclama ela, estendendo o seu copo na minha direção.

— Bom dia, como a posso ajudar? — pergunto, seguindo o protocolo.

— Eu pedi o meu batido com base de café e aquela gordinha anotou base de natas — responde, acenando com a cabeça na direção da Karina.

Preciso de respirar fundo para analisar se a mulher disse «gordinha» com um tom ofensivo. Dois segundos depois, concluo que sim, foi ofensivo.



— Podes tratar-me deste problemazinho, por favor? Estou com um bocadinho de pressa, meu anjo — continua a senhora, e eu não sei se me irrita mais com o uso do diminutivo em todas as palavras ou com a parte do «meu anjo».

A sua roupa descontraída e a maneira como olha compulsivamente para o enorme iPhone dourado que tem nas mãos magras fazem-me imaginar que ela deve estar atrasada para uma *call*, onde todos os presentes farão uma sessão de *brainstorming* para discutir como a agência vai aplicar o *budget* que foi atribuído a um novo *job*. O Rocket costuma ser muito frequentado por essa gente que trabalha em publicidade.

— O seu nome, por favor — pergunto, sem me esforçar muito para ser simpático.

— Clarice, com «c».

Anoto o pedido num copo novo, marcando a base certa desta vez, e depois escrevo «Clarisse» com «ss», só para a deixar um bocadinho mais irritada.

Nem todos os heróis usam capa.



Trabalhar no Rocket às vezes dá-me um poder de julgamento que eu não teria em qualquer outro lugar. Tal como posso escrever mal o nome de quem eu julgo ser má pessoa, posso desenhar um sorrisinho ao lado do nome de quem julgo ser boa pessoa.

A Karina tem a teoria de que eu só desenho sorrisinhos nos copos de homens com quem dormiria. Essa teoria é totalmente verdadeira, mas é claro que eu nunca lha confirmei. A verdade é que a culpa não é minha. Preciso de inventar maneiras de me distrair e de fazer o horário de expediente passar mais depressa.

Quando não estou com a brincadeira de distribuir sorrisos pelos copos, estou a inventar histórias para as pessoas que por aqui passam. Tenho um caderninho que carrego sempre no bolso de trás das calças e é nele que anoto todas as ideias para as histórias que pretendo escrever um dia. Sou muito bom a começar histórias novas e péssimo a concluir as antigas. Na verdade, sou péssimo a concluir seja o que for. Abandono todas as séries televisivas que começo no terceiro episódio,



porque depois aparece sempre outra que parece ser muito melhor. Acho que isso diz muito sobre quem sou como pessoa.

Mas não o consigo evitar. Para mim, essa é a melhor parte: ter uma ideia e colocá-la no papel. E depois disso, explorar todas as possibilidades na minha cabeça. Inventar nomes para as personagens, criar cenários detalhados, abrir um documento em branco, escrever «Capítulo 1» e nunca mais voltar a pensar naquilo. É tipo jogar *The Sims* e só construir a casa (que, na minha opinião, é a única forma certa de jogar *The Sims*).

Ainda na semana passada, quando um grupo de adolescentes cosplayers apareceu aqui no Rocket, anotei uma ideia:

Ideia para livro #57

Adolescentes com poderes mágicos presos na nossa dimensão fingem que estão disfarçados para convenções nerds, mas na verdade os disfarces são quem eles realmente são.



Na semana anterior, um cliente pediu para usar a casa de banho e, depois de lá entrar, ninguém o viu sair:

Ideia para livro #51

Um homem que viaja no tempo através de casas de banho de cafetarias.

Ainda não consegui concluir nenhum livro. Nada de nada. Nenhuma história, nem um continho, nada. Mas acredito que, de todas as ideias que já tive, uma delas vai acabar por funcionar. E se não der, posso tentar vender a uma editora a ideia de publicar *1001 Ideias Para Livros Que Eu Tive, Mas Nunca Escrevi*. É uma possibilidade real (e está registada no meu bloco como *ideia para livro #32*).



A meio da tarde estou distraído, a observar a chuva cair lá fora, quando me dou conta de um cliente parado em frente à caixa, à espera de ser atendido.

— Boa tarde — diz ele, depois de pigarrear com mais barulho do que seria necessário, só para me chamar a atenção. Giro a cabeça,



impaciente, e fico paralisado por um segundo, porque tenho a certeza de que estou em frente ao homem mais bonito que já vi. Pessoalmente. Não vale celebridades. Refiro-me a pessoas reais. Estou a olhar para a pessoa real mais bonita que já partilhou um espaço físico comigo.

Olho para o lado, à procura da Karina, mas ela está a tirar uma bandeja de Meteoros de Queijo (é assim que os pães de queijo se chamam aqui no Rocket) do forno e parece não estar a prestar atenção ao que se está a passar aqui.

— Boa tarde — consigo dizer por fim. — Qual vai ser o seu pedido?

O rapaz olha para o menu exposto atrás de mim e ainda parece indeciso. Tem cabelo castanho avermelhado e pele muito branca, cheia de sardas. O seu rosto é coberto por uma densa barba ruiva, de uma tonalidade um pouco mais clara do que o cabelo. Os seus olhos não são azuis nem verdes, mas uma mistura dessas duas cores.

Veste um casaco de ganga largo por cima de uma camisola às riscas. Assim como o cabelo dele, também as suas roupas estão molhadas por causa da chuva.

— Não sei bem o que vou querer. Não gosto muito de café. Mas queria uma coisa quente? — responde ele em tom de pergunta, e não sei se é a sua voz intensa ou a minha cabeça iludida, mas tenho quase a certeza de que ele me estava a enviar sinais quando me olhou nos olhos ao dizer «coisa quente».

Talvez eu tenha ficado uns dois segundos com a boca levemente aberta.

— Hum... Temos chás — respondo, mas ele faz logo cara feia. — E chocolate! Gosta de chocolate quente? Há de tudo aqui.

O meu entusiasmo ao falar de chocolate quente está a beirar o ridículo, e sei disso porque a Karina não disfarça o seu riso quando passa atrás de mim para aquecer um muffin para outro cliente.

— Não estou a ver o chocolate no menu — diz o ruivo, semicerrando os olhos e tentando encontrá-lo atrás de mim, no painel na parede.

— Está aqui, olhe. — Aponto. — É que no menu chama-se *Chocolactus*. As coisas por aqui são assim, têm nomes espaciais — explico, mexendo os braços de uma forma engraçada quando digo «nomes espaciais».

Ele não parece achar graça. O meu cérebro põe-se imediatamente à procura de outras soluções para fazer este rapaz lindo rir-se para mim.



— O pão de queijo, por exemplo, é igual a um pão de queijo normal. Só que aqui chama-se «Meteoro de Queijo» — digo, pegando num da bandeja que acabou de sair do forno e brincando com ele na minha mão, como se fosse um meteoro em miniatura. — Tchuuuuuuuun.

O ruivo parece não entender o que se está a passar. Agachada atrás de mim, a Karina está literalmente com a cara enfiada no meio das pernas, a tentar não rir. Eu continuo com o Meteoro de Queijo na mão porque não sei o que fazer com ele. Não posso comer à frente dos clientes, mas também não o posso devolver à bandeja. E, obviamente, não o vou deitar fora porque, apesar do nome ridículo, Meteoros de Queijo são absolutamente deliciosos.

— ‘Tá bom. — O rapaz parece finalmente ter-se decidido.

— Vai ser um *Chocolactus* quente e uma porção de Meteoros de Queijo. E essa foi a frase mais improvável que eu já disse em toda a minha vida.

Rio-me. Ele sorri de volta. Sinto que está a acontecer alguma coisa.

— O teu nome, por favor? — pergunto, anotando o pedido no copo.

— Qual achas que é o meu nome? — responde ele, apanhando-me de surpresa.

Aparecem sempre clientes com este tipo de joguinho, e eu geralmente odeio-o. Mas não com ele. Talvez por ele ser o rapaz mais bonito que já pisou o chão deste café temático espacial ou talvez por eu ter agora setenta por cento de certeza de que ele se está a atirar a mim.

— Rogério? — pergunto de imediato, e ele acena que não com a cabeça. — Pablo? Marcos? Thiago? Diogo? Donatello?

Não, não e não. Erro em todas as minhas tentativas e percebo que começa a formar-se uma fila.

Fito o rapaz misterioso parado à minha frente e tento inventar uma história para lhe contar, assim como faço diariamente com outras pessoas. Observo o seu longo cabelo molhado e a forma como os ombros dele parecem caídos por causa do peso do casaco encharcado. A sua barba ruiva é preenchida o suficiente para o fazer parecer um pirata que viajou os sete mares em busca de amor.

Não me importaria se esse amor fosse eu.



Pego no copo, escrevo «Barba Ruiva» e ao lado desenho um sorrisinho. Em cima do sorriso desenho um chapéu de pirata que fica muito feio, mas não há muito que eu possa fazer.

— Que tal? — pergunto, mostrando-lhe o copo.

— Gostei! Achas que eu daria um bom pirata? — responde o Barba Ruiva, e quero acreditar que está totalmente investido no meu flirt.

— Serias um pirata melhor do que o Johnny Depp, que é um lixo de pessoa — respondo, sem pensar na possibilidade de o Barba Ruiva ser um grande fã do Johnny Depp.

Ele ri-se, o que me deixa aliviado. Até porque se ele fosse, de facto, um grande fã do Johnny Depp, eu já estaria cinquenta por cento menos apaixonado.

Recebo o pagamento, despeço-me com um aceno de cabeça e, antes de atender o próximo cliente, pego no meu caderninho de ideias e faço uma anotação rápida.

Ideia para livro #66

PIRATAS GAYS!!!!





CAPÍTULO 2

A pesar de a Karina ter entrado alguns minutos antes de mim, fica à minha espera para encerramos o turno e irmos embora juntos. A Karina mora num apartamento na Liberdade, e isso significa que na terceira estação de metro ela segue para um lado e eu continuo para o outro. Mas saber que ela espera sempre que pode só para passar alguns minutinhos a mais comigo faz com que eu me sinta especial.

Depois de passar a caixa para os funcionários do turno seguinte e de me trocar de volta para as roupas normais e não-holográficas, estou pronto para ir embora. São quase sete da noite, mas é janeiro e o céu lá fora ainda está claro por causa do horário de verão. A Karina vem logo atrás de mim, soltando os cabelos longos do rabo de cavalo em que ficaram presos o dia inteiro.

— Eu pagaria para poder ver mais meia hora de tu a passares vergonhas à frente do ruivo bonitinho — diz a Karina, quando saímos juntos pela porta de vidro do Rocket.

— Não faço a mínima ideia do que estás a falar.

— Meteoro de Queijo, *tchuuunnnnn* — diz a Karina numa péssima imitação minha.

— Primeiro, essa é uma péssima imitação minha. Segundo, eu tenho a certeza de que o Barba Ruiva ficou apaixonado pelo meu charme e sentido de humor — rebato, sem ter grandes certezas quanto à segunda parte.

— Tenho a certeza de que o «Barba Ruiva» ganhou um sorrisinho no copo — diz a Karina, fazendo aspas com os dedos ao referir-se ao apelido que dei ao rapaz.

— O sorriso no copo faz parte da conquista — digo, tentando piscar o olho.



— O que apenas confirma a minha teoria de que tu só desenhas sorrisos no copo de rapazes bonitos que beijarias se tivesse a oportunidade — diz ela.

E eu baixo os ombros, derrotado, porque não tenho como argumentar contra a Karina.

Porque a verdade é que eu não saberia como reagir se, um dia, algum rapaz correspondesse ao meu sorrisinho-no-copo. Isso seria um pouco assustador, na verdade, porque quando se trata de relacionamentos, eu sou um DESASTRE.

Hoje, aos 19 anos, nunca namorei e só beijei três pessoas. O meu primeiro beijo aconteceu no 8.º ano, com uma rapariga chamada Ana Júlia. Ela gostava de mim e, não sei como, a turma inteira descobriu. Beijámo-nos no intervalo, rodeados pelos gritos de celebração de toda a turma, como se fosse o acontecimento mais importante da escola. A Ana Júlia tentou beijar-me outras vezes e eu estava sempre a arranjar desculpas para fugir. Ela era bonita e divertida, mas a minha cabeça estava demasiado confusa, e eu achava que precisava de beijar um rapaz para ter a certeza se era gay ou não.

No segundo beijo, tive a certeza. Tinha 16 anos e conheci um rapaz no acampamento da igreja. Ele era sobrinho ou afilhado de alguém, já não me lembro. Mas não era um membro regular da nossa congregação. Chamava-se Jefferson, e acabámos no mesmo quarto porque as camas estavam organizadas por ordem alfabética. Beijámo-nos apenas uma vez, no meio da noite, enquanto o resto da igreja cantava à volta de uma fogueira. Não falámos sobre isso e, depois do acampamento, nunca mais voltei a vê-lo. Recentemente, tentei procurá-lo nas redes sociais, mas não me lembro ao certo de quantos F's o nome dele tem, o que dificultou muito a missão. Acabei por desistir e aceitar que o papel do Jefferson (ou Jeferson?) na minha vida foi ajudar-me a ter a certeza de quem sou. Gay. Totalmente, incontestavelmente, absolutamente gay.

O meu terceiro beijo nem conta, porque foi no ano passado, numa festa à qual o meu amigo Dan me levou. Era um rapaz cujo nome não sei, de cujo rosto não me lembro e cujo número de telemóvel nem cheguei a pedir. Mas não me arrependo, porque foi o meu melhor beijo até agora. Provavelmente porque já tinha ultrapassado a fase de experimentar e estava finalmente a beijar *a sério*.



Acho que o grande problema é que leio demasiado. Fico a fantasiar sobre como as coisas podem acontecer comigo de uma forma mágica e orquestrada pelo universo. Penso em como o amor da minha vida pode ser um rapaz que apanha o mesmo comboio que eu todos os dias, mas os nossos caminhos nunca se cruzam, até ao dia em que ele sai de casa cinco minutos atrasado porque entorna café na camisa branca e precisa de se trocar à pressa. E aí sim, vamos encontrar-nos.

Mas pensar nessa possibilidade remota e absurda faz-me doer a cabeça e dá-me vontade de roer as unhas. Então, quando entramos na estação, mudo de assunto.

— Piratas gays — digo à Karina. — Anotei esta ideia hoje no caderno, depois de ver o Barba Ruiva.

Nos últimos meses, quanto mais conheço a Karina, mais percebo que ela é uma ótima pessoa com quem conversar sobre as minhas histórias. Talvez porque percebe muito de teatro, ou porque já viu um milhão de filmes ao longo da sua vida, ou porque é supercrítica e não tem medo de ser sincera quando apareço com ideias más.

— Gosto de piratas. Não entendo o apelo *sensual* que as pessoas lhes dão, porque imagino sempre o tempo que ficam sem tomar banho quando estão em alto-mar, mas acho que pode ser giro se não tentares escrever sobre piratas gays e sensuais. Essa ideia é bem melhor do que aquela versão gay da Meg Ryan que inventaste no mês passado.

Sei a que ideia se refere.

Ideia para livro #19

Gay ricaço dono da maior franchising de livrarias do Brasil apaixonado por dono (pobre) de uma pequena livraria de bairro.

Na altura, eu e a Karina tivemos uma discussão enorme sobre como essa ideia era um plágio descarado de *Você Tem uma Mensagem*, e eu tentava argumentar que o facto de os dois protagonistas serem homens mudava por completo a dinâmica da relação, o que até me deu a ideia de escrever uma série onde todos os livros fossem versões gays de filmes da Meg Ryan.

Essa ideia ficou-me na cabeça durante dois dias, antes de a trocar por outra.



— Mas esta dos piratas vou levar a sério. Estou mesmo entusiasmado para escrever sobre isto — digo, mais para mim do que para ela.

— Acho que devias escrever sobre mim — responde ela.

— A história de uma mulher crítica e exigente que acha que todas as ideias do seu amigo escritor são um lixo, mas que termina sempre com uma piada, e isso faz com que os leitores gostem automaticamente dela?

— Não! A história de uma gorda, neta de japoneses, que sonha em ser atriz, estudou a vida inteira para isso, mas no final só se fode porque ninguém quer contratar uma gorda japonesa para papel nenhum — responde ela a rir, mas no fundo consigo ver um pouco de frustração nos seus olhos. Fico parado por uns instantes, porque isto é o máximo de informação que descobri sobre a Karina nos três meses em que já trabalhámos juntos. Ela já tinha comentado sobre a sua formação em artes cénicas, sobre a dificuldade em entrar no mercado, sobre como o emprego no Rocket está longe de ser aquilo que quer fazer para o resto da vida. Mas, pela primeira vez e numa única frase, a Karina falou da sua vida de uma forma incrivelmente honesta.

Tenho vontade de ouvir a sua história toda, mas não quero estragar o momento ao enchê-la de perguntas, porque conheço-a o suficiente para saber que falar de si mesma não é uma das suas coisas favoritas. Por isso, tento apenas manter o ritmo da conversa.

— Olha que até não seria má ideia. E se o livro tiver sucesso, podem comprar os direitos para o cinema, e claro que tu serias escolhida como protagonista. Vou começar a escrever já *hoje!* — digo, entusiasmado.

— Ai, Jonas, és tão inocente — responde a Karina, passando-me a mão pelo rosto. — Se uma história dessas se transformar em filme, mais depressa engordam a Meg Ryan do que contratam uma atriz gorda.

Dou uma gargalhada seca, e a nossa conversa é interrompida pela voz robótica do metro a anunciar a próxima estação.

— Vou indo, vemo-nos amanhã — diz a Karina, enquanto se esgueira por entre as pessoas, tentando chegar à porta.

Encolho-me no canto do vagão, tiro o meu bloco de ideias do bolso pela segunda vez hoje e faço mais uma anotação.

Ideia para livro #65
A história da Karina.





CAPÍTULO 3

Descobri que gostava de ler aos 6 anos, quando a minha mãe me ofereceu um livro ilustrado com cem histórias bíblicas para crianças. A primeira era sobre a arca de Noé, e lembro-me do orgulho que senti ao ler aquelas quatro páginas inteiras sem parar para descansar entre um parágrafo e outro.

Descobri que gostava de escrever quando, no minuto seguinte, peguei num caderno da escola e reescrevi a história de Noé. Na minha releitura, inseri dinossauros e Pokémons na arca. Foi a minha primeira fanfic. Ilustrei a história com um desenho apressado, onde um Noé com seis dedos navegava numa arca gigante ao lado de um braquiossauro verde (que na altura eu só sabia chamar de «pescoçudo»).

Corri pela casa, segurando o caderno num abraço firme, e, todo orgulhoso, fui mostrar a nova (e muito mais fixe) versão da história à minha mãe.

— Não é assim que está na Bíblia, Jonas. — Foi esta a resposta dela.

E esse continua a ser o argumento utilizado pela minha mãe para basicamente qualquer coisa.

Quando saio na linha Turquesa e chego a Santo André, estou fisicamente exausto. Mas, ainda assim, aguentaria facilmente mais um turno no Rocket só para não ter de ir para casa. Já há muito tempo que não sei o que é aquela sensação boa de *lar doce lar*. Quando estou em casa, passo a maior parte do tempo a pensar em pretextos para sair.

Lembro-me da noite em que anunciei a novidade durante o jantar. Era início de novembro, e eu tinha entregado currículos em todas as lojas que tinham vagas abertas para a época de final de ano. Todas em São Paulo, para me manter o mais longe possível daqui. Precisava de



dinheiro para comprar um portátil novo e, felizmente, o Rocket Café precisava de um novo funcionário para a caixa.

— Arranjei um emprego — anunciei entre uma garfada e outra.

A minha mãe levantou-se logo da cadeira e abraçou-me, emocionada.

— Deus sabe o que faz, Jonas. Sabe sempre — repetia ela enquanto me beijava no rosto.

— Vais fazer o quê? — perguntou o meu pai, mal olhando para mim.

— Vou trabalhar em caixa num café. Em São Paulo — respondi, baixando ligeiramente o tom de voz na última parte. Mesmo sabendo que o ABC Paulista faz praticamente parte da capital, não sabia se o meu pai reagiria bem à ideia de eu ir trabalhar para longe. Lembrou-me de sentir medo.

— São Paulo? Então vais ganhar bem — disse ele, levantando-se da cadeira e desaparecendo pelo corredor.

Um minuto depois, reapareceu na cozinha com alguns papéis na mão.

— Toma — disse, colocando os papéis à minha frente.

— A luz, Internet, televisão e telefone são agora da tua responsabilidade. Está na hora de começares a fazer-te homem.

Lembro-me de tentar ignorar o último comentário enquanto olhava para as contas e somava os valores. O total comia uma boa parte do meu salário, mas o sabor da independência fazia com que valesse a pena.

A minha mãe passou um mês inteiro a lembrar-me de como estava grata por Deus me ter dado aquela oportunidade de emprego. O meu pai aproveitou que a televisão por cabo era da minha responsabilidade e, no mês seguinte, subscreveu um pacote de canais de futebol.

E assim seguiu a vida.

Desanimado, abro o portão velho do prédio sem porteiro e subo as escadas até ao 3.º andar com vagar. Em cada degrau, vou-me despedindo da realidade em que a minha vida é cheia de conversas com a Karina, sorrisos nos copos e clientes ruivos bonitões. A cada andar que subo, o cheiro da minha casa vai ficando mais forte e, hoje, já nem sei o que esse cheiro me faz sentir.



Abro a porta e encontro o meu pai estendido no sofá. A cara pálida, os olhos cansados, a barba por fazer e a t-shirt apertada a revelar parte de uma barriga peluda. Lembro-me de que saí de casa esta manhã cheio de ódio dele, mas não me consigo recordar do motivo. Há dias em que temos discussões feias por qualquer coisinha insignificante, mas noutros, só a sua presença já é suficiente para me esgotar a paciência.

A televisão está ligada num qualquer jogo de futebol. Não importa quem está a jogar, o meu pai está sempre a ver futebol.

Todas as luzes estão apagadas e a forma como a televisão projeta aquela luz esverdeada no rosto dele deixa a cena ainda mais macabra. A voz do narrador do jogo embrulha-me o estômago de uma forma que não consigo explicar.

— Olá — digo, enquanto tranco a porta.

O meu pai responde com um rosnado que nem chega a ser uma palavra. Já deve ter bebido duas ou três cervejas.

Deixo a mochila no meu quarto e encontro a minha mãe na cozinha. Ela está a aquecer-me o jantar, coisa que já lhe disse muitas vezes que não precisava de fazer, mas ela faz na mesma. A minha mãe diz sempre que Deus lhe deu o dom de cuidar e que ela vai cuidar de mim o tempo que for preciso.

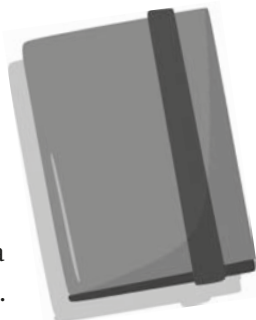
— Como correu o dia, Jonas? — pergunta, tirando um prato do armário.

— Não precisas de me servir a comida, não há problema — digo, tirando-lhe o prato das mãos e começando a servir-me do esparguete à bolonhesa que ainda não estava totalmente quente. — O dia correu bem. Foi cansativo, mas correu bem.

Enquanto me sento à mesa, ela ocupa-se com a loiça. Esta mulher não consegue estar um segundo parada. A comida está deliciosa, como sempre. Acho que a minha mãe não conseguiria fazer uma refeição má nem que se esforçasse para isso.

A dona Cristina trabalha como chefe das cozinheiras num restaurante self-service aqui na nossa rua. O restaurante ocupa-lhe só metade do dia e, na outra metade, cozinha para mim e para o meu pai.

Como à pressa porque quero sair dali o mais depressa possível, mas, antes de terminar o prato, ela toca no assunto que eu mais temia, assim como quem não quer a coisa.



— O pastor Gregório sentiu a tua falta ontem no culto. — Lança ao ar.

E esse é o tema oficial de todas as segundas-feiras. Duvido que o pastor Gregório tenha realmente sentido a minha falta no culto de ontem. Deixei de ir à igreja há meses. Mas, segundo a minha mãe, o pastor Gregório pergunta sempre por mim.

— Ele perguntou se estavas livre no domingo. Vai haver uma programação especial para os jovens da igreja — continua ela, ignorando o meu silêncio.

— Pois, tenho de ver. Não sei quando vai ser o meu próximo dia de folga — minto. A minha próxima folga é no domingo. Mas não quero que a minha mãe saiba.

Termino o jantar, engolindo as últimas garfadas de esparguete, e a minha mãe pega apressadamente no prato e começa a lavá-lo.

— Deixa que eu lavo — protesto. — Já deves estar cansada, não quero dar-te mais trabalho.

— A cada manhã as misericórdias do Senhor renovam-se sobre nós — diz ela, e eu fico em silêncio porque nunca sei o que ela espera que eu responda quando começa a citar a Bíblia.

Fico mais um pouco na cozinha, em silêncio, porque acho que seria cruel da minha parte simplesmente virar as costas e deixá-la ali, a lavar a loiça que acabei de sujar.

— Jonas — diz ela num tom baixo. — Tenho orado por ti.

— Obrigado, mãe — respondo, porque sou realmente grato.

— Ainda tenho muita fé no que Deus tem planeado para ti. Não recebeste esse nome em vão.

Respondo apenas com um sorriso e saio da cozinha. Mais uma vez, sinto-me impotente perante as expectativas que a minha mãe tem para a minha vida. Mais uma vez, sinto que o momento em que ela se vai desiludir comigo a sério está para chegar.

O meu nome é Jonas por causa da personagem bíblica. O Jonas da Bíblia foi um homem que recebeu ordens diretas de Deus para ir pregar numa cidade perigosa chamada Nínive. Jonas, medroso, não foi para lá porque, bem, a cidade era *realmente* perigosa. Apanhou outro navio e foi para outro lugar. A meio da viagem, uma tempestade colocou a vida de toda a tripulação em risco, e, consumido pela culpa,



Jonas pediu que o atirassem ao mar, porque sabia que tudo aquilo estava a acontecer porque ele desobedecera a Deus.

Jonas foi lançado ao mar e a tempestade logo se acalmou, mas, em vez de morrer afogado, foi engolido por um grande peixe e ali dentro ficou durante três dias, a pedir perdão, até que Deus o perdoou e o peixe o vomitou numa praia.

Agora imagina como é crescer sabendo que o teu nome foi inspirado na história de alguém que precisou de ser vomitado por um peixe para aprender a não desobedecer. É muita pressão para a minha cabeça.

Hoje, vivo a minha vida em total desobediência. Sinto que mesmo ficando parado, apenas a existir, estou a desobedecer às leis de Deus. E por mais que não tenha a certeza de acreditar ou não nessas leis, tenho medo do dia em que a tempestade chegar. Porque vai chegar, é só uma questão de tempo.

— CRISTINA! — grita o meu pai da sala, incapaz de se levantar daquele sofá.

— Já vou, amor — responde a minha mãe com um suspiro, e vai até à sala para ver de que é que o meu pai precisa. Outra cerveja, provavelmente.

Aproveito a deixa e corro para o meu quarto. Fecho a porta atrás de mim e respiro de alívio porque aqui dentro sinto-me um pouco mais seguro. Crescer ao lado do meu pai, com o seu humor sempre instável, fez com que estivesse sempre em estado de alerta, à espera de que algo de mau acontecesse.

Houve uma altura em que estar ao lado da minha mãe era o suficiente para me sentir seguro. Já não o sinto desde que percebi que, mais cedo ou mais tarde, vou acabar por desiludi-la.

A minha mãe converteu-se à igreja evangélica pouco antes de eu nascer. Cresci a ouvir a história de como ela já tinha desistido de engravidar, mas que, num culto de domingo, clamou a Deus por um filho e, no mês seguinte, tcha-ram. Grávida. Já ouvi isto milhares de vezes.

É muito difícil ajustar as expectativas das pessoas quando toda a gente acredita que és um milagre. Durante muito tempo, eu próprio acreditei que era um milagre. Mas, quanto mais crescia e melhor me



conhecia, mais certeza tinha de que, para a minha família, eu seria uma maldição.

Houve uma curta fase da minha vida em que tentei mudar. Tentei não ser gay, não olhar para os rapazes bonitos da escola e pensar que beijá-los não seria má ideia. O esforço por tentar mudar era tão exaustivo que, a certa altura na adolescência, simplesmente aceitei que era assim. Não foi o tipo de aceitação que traz alívio. Aceitar que sou gay significou aceitar que iria para o inferno e viver em constante medo da morte. Esse tipo de pensamento já não me assombra com tanta frequência como antes, mas ainda há noites em que, antes de adormecer, olho para o teto e penso que existe um Deus algures que está extremamente desiludido comigo.

Hoje não tenho tempo para pensar em nada disso. O meu corpo está cansado, e sinto dor em cada parte dele quando me atiro para a cama. O meu quarto não é muito grande. Nele cabe a minha cama de solteiro, uma cómoda antiga onde guardo as minhas roupas, uma secretária com os pés cheios de marcas de mordidas de cão (nunca tivemos um, mas herdei esta secretária de uma vizinha que tinha) e uma única prateleira na parede, onde guardo os meus livros favoritos. São poucos os que tenho. A maioria requisito da biblioteca.

Aclaro as ideias ao ver as redes sociais no portátil, leio uma ou duas notícias que alguém partilhou, abro um ficheiro em branco, ajeito os óculos de aro grosso que teimam em escorregar do meu nariz grande e escrevo algumas frases na tentativa de começar uma nova história. Mas nada me tira esta angústia pós-conversa sobre a igreja do peito.

Mais uma vez, dou por mim a imaginar uma realidade alternativa onde vivo noutro lugar. Onde a minha mãe se interessa pelas coisas que tenho a dizer e conseguimos conversar sobre qualquer assunto banal. Sobre o tempo, sobre política, sobre o telejornal ou a novela. Sobre qualquer coisa que não seja o plano de Deus para a minha vida. Imagino essa realidade em que o meu pai me convida para ver televisão com ele depois do jantar, e saltamos de canal em canal pelos outros quinhentos que existem, não só pelos de futebol. Ele para num canal que está a passar o seu filme favorito e conta-me como se baldou às aulas nos anos 80 para ir ver *O Exterminador Implacável* ao cinema com os amigos. Talvez o Jonas dessa realidade esteja a tirar um curso



universitário porque os pais se prepararam para isso. Talvez o Jonas dessa realidade não tenha recebido esse mesmo nome por causa do Jonas da Bíblia. Talvez se chame Augusto, ou Maurício, ou Paulo, ou Maicon.

O portátil, pousado no meu colo, entra em modo de descanso, e sou trazido de volta à realidade quando me vejo refletido no ecrã preto. Olhos esverdeados como os da minha mãe, cansados como os do meu pai. A barba falhada nas bochechas dá-me uma aparência de quem já desistiu de se cuidar há muito. Eu nunca desenharia um sorriso no meu próprio copo.

Sinto-me um desastre enquanto tento arranjar forças para sair da cama e ir para o banho lavar aquele cabelo encaracolado, mais do que oleoso após um dia inteiro debaixo do boné do Rocket. As forças não aparecem, e adormeço sem sequer me dar ao trabalho de tirar as calças de ganga.





CAPÍTULO 4

Quando chega o domingo, o dia da minha folga, invento uma nova mentira para não ter de ir à igreja. Digo à minha mãe que preciso de cobrir o turno de um funcionário chamado Igor, que tirou férias esta semana e teria voltado no sábado, se o voo de regresso para São Paulo não tivesse sido cancelado à última hora, deixando o rapaz preso em Fortaleza, onde mora parte da família dele.

O Igor nem sequer existe, mas invento toda essa história para deixar a mentira elaborada e fácil de acreditar. Quando mentir se torna um hábito tão frequente, chega uma altura em que as palavras saem sem qualquer esforço.

Aproveito a folga para ir ter com a Isadora e o Danilo a São Paulo. Não me consigo lembrar da última vez que saímos os três juntos, então tenho a certeza de que hoje vai ser um dia especial.

A Isa e o Dan são os meus melhores amigos. Estudámos juntos no Colégio Estadual Professor Ademar, em Santo André, e foram as únicas pessoas que continuaram na minha vida depois do secundário.

A Isa veio primeiro. Conhecemo-nos no 5.º ano, e não me lembro bem de como nos tornámos amigos. Nessa altura, acabamos por nos aproximar de quem parece mais seguro, e a Isa pareceu-me a escolha certa. Lembro-me de uma tarde em que fui a casa dela para fazermos um trabalho e fiquei impressionado porque ela tinha uma televisão no quarto. Passámos a tarde toda a ver videoclipes na MTV. Depois disso, não me lembro de um dia em que não estivéssemos juntos na escola.

No 9.º ano, ficámos ainda mais próximos. Era mais um daqueles dias em que passava a tarde inteira em casa da Isa a ver videoclipes na televisão. Estava a dar um vídeo das Pussycat Dolls, e cada um de nós teve uma reação diferente.



— Elas são tão giras — disse a Isa.

— E dançam tão bem — disse eu.

— Eu gosto de raparigas — disse a Isa em voz baixa, ainda a olhar para a televisão.

— Eu gosto de rapazes — murmurei, ainda mais baixo. — Não contes à minha mãe.

A Isa não disse mais nada.

Limitou-se a pegar na minha mão, levou-a aos lábios e deu-lhe um beijo que significava muita coisa. Significava que o meu segredo estava seguro com ela. Significava que ela me compreendia. Significava que ela me amava. E, naquela altura, sendo um adolescente gay e solitário em Santo André, isso era tudo o que eu precisava. Pela primeira vez, não me senti tão sozinho.

Apesar daquela saída do armário inesquecível ao som das Pussycat Dolls, a nossa sexualidade nunca mais foi assunto. Seguimos com a vida, mais leves, mas ainda cheios de dúvidas. Queria perguntar-lhe tanta coisa. Vais contar aos teus pais? Já te apaixonaste por alguém? Já *beijaste* alguém?

Mas, se fizesse essas perguntas, ela também teria o direito de querer saber as minhas respostas. E eu não queria pensar em nada disso. Não naquele momento. Assim, a nossa amizade ficou na mesma durante um ano inteiro: os dois a guardar segredos e a evitar falar de tudo.

Até que o Dan apareceu.

Ao contrário de nós, ele adora falar sobre tudo. Passaria a vida a falar de absolutamente tudo. E quando ele chegou, eu e a Isa aprendemos a falar também.

Era o nosso primeiro dia de aulas no secundário, e um aluno novo chegou atrasado. «Danilo Moreira», disse ele, para que a professora verificasse o nome no livro de ponto. Ela confirmou, ele olhou para a turma, viu uma cadeira vazia ao meu lado e atravessou o corredor a desfilar. Literalmente, como se estivesse a ouvir *Crazy in Love* na cabeça.

É engraçado como me lembro de todos os detalhes da minha saída do armário com a Isa (a sério, lembro-me até da roupa que estava a usar), mas não consigo lembrar-me de como o Dan se tornou nosso amigo. Nunca houve um momento do tipo «vamos ser amigos». Muito menos um momento «vocês são gays e eu também, por isso vamos formar uma aliança».



A certa altura, o Dan começou a falar sobre os rapazes da escola que ele beijaria, e eu comecei a questionar-lhe os gostos, porque ele só escolhia os mais estranhos, e a Isa começou a implorar para que parássemos de falar de rapazes por um segundo que fosse. Quatro anos se passaram, e a nossa amizade continua basicamente na mesma.

Quando chego ao bar à hora marcada (vá, uns quinze minutinhos atrasado), já estão os dois à minha espera. Há duas garrafas de cerveja vazias, e os meus amigos já estão na terceira. Talvez me tenha atrasado um bocadinho mais do que quinze minutos.

O Danilo grita quando me vê e levanta-se para me cumprimentar.

— Que saudades tuas! — diz ele, abraçando-me com tanta força que quase fico sem fôlego.

A nossa diferença de alturas quase faz com que eu desapareça no meio dele. Os seus braços estão mais musculados do que da última vez em que nos vimos, e a sua pele negra ganhou um tom levemente avermelhado por causa do Ano Novo, que ele passou na praia. A cor cria um contraste forte com a camisola amarela que está a usar para aguentar o calor de janeiro.

O Danilo sempre foi um rapaz bonito. Talvez eu até tenha sentido uma ligeira atração por ele quando nos conhecemos. Mas a nossa amizade desenvolveu-se de uma forma tão rápida e natural que nem me dei conta de quando é que ele se tornou quase um irmão para mim.

O nosso abraço, que parece durar uma eternidade, ganha outra participante: a Isa, que me abraça por trás e me envolve com os seus braços magros e compridos. De repente, sou o recheio de uma sanduíche de melhores amigos.

A Isa também é alta. Sempre foi a mais alta da turma. E, para ser sincero, quando se tem um metro e cinquenta e nove, toda a gente parece muito alta.

— Já começámos a beber, ‘tá? Vou pedir um copo para ti — diz a Isa enquanto faz sinal ao empregado, o gesto universal para «traga mais um copo, por favor», porque ela nunca perde tempo.

Sento-me à mesa cambaleante do bar, olho para os meus dois melhores amigos com um sorriso no rosto e sinto-me completo. Faz-me falta estar com eles.



— Prometem que não voltamos a passar tanto tempo sem fazer nada juntos? — pergunto, porque estou a sentir-me carente.

— Ela é que está sempre ocupada. — O Dan aponta para a Isa, livrando-se da culpa.

— Ai, malta, é complicado. Vocês sabem...

— A faculdade. — Eu e o Dan respondemos ao mesmo tempo.

Ao contrário do Dan, a aparência da Isa não mudou nada. Continua a mesma rapariga branca e alta, com os cabelos encaracolados num coque despenteado. Continua a usar as mesmas t-shirts de bandas que mais ninguém ouve (hoje é uma dos Forever the Sickest Kids) e é provável que os All Stars vermelhos que tem nos pés sejam os mesmos que usou durante os anos todos da escola.

Mas, se formos falar de outras áreas da vida, a Isa foi a que mais mudou. Quando o nosso 12.º ano começou, era a única de nós os três a preocupar-se com o futuro. Fez os exames de acesso, conseguiu uma bolsa numa universidade privada através de um programa de apoio do governo, começou a estudar Jornalismo, arranjou um estágio e vive numa residência na República (o bairro, no caso). Ainda recebe ajuda dos pais para se manter em São Paulo, mas, mesmo assim, a Isa é quase totalmente independente, e sinto um enorme orgulho por isso.

Infelizmente, a universidade é sempre a maior inimiga dos nossos encontros, porque ela trabalha durante o dia, estuda à noite e, ao fim de semana, está sempre envolvida em «coisas da faculdade». Quando o assunto é esse, a minha mente entra em alerta porque, mesmo sem saber se quero realmente ir para a universidade, ouvir a Isa falar sobre as aulas, os amigos, os professores e até sobre os salgados da cantina faz com que eu me sinta deixado para trás. Um bom amigo ficaria feliz ao ouvir todas essas histórias, mas eu só fico mesmo desesperado. Talvez não seja o melhor dos amigos.

— E como vai o estágio? — mudo delicadamente de assunto.

— Ah, Jonas. É o que é, né? Passo o dia a pesquisar palavras difíceis para pôr nas palavras cruzadas, não é nada de especial. Mas o subsídio de refeição é bom, pelo menos.

— Não estou a brincar quando digo que tens um emprego de sonho — comento, porque trabalhar numa editora que publica palavras cruzadas parece-me muito fixe.



— Eu até gostava, no início, mas deixa de ser incrível quando te dão cinco minutos para arranjar uma palavra com treze letras em que a segunda seja «Z». Maaaas, não vou chatear-vos a falar do meu trabalho — diz a Isa, sinalizando ao empregado para que traga mais uma cerveja (que é exatamente o mesmo gesto que usou para pedir um copo, mas, mesmo assim, ele consegue perceber a diferença).

— Deve ser bem melhor do que passar o dia a preparar bebidas e a usar um avental holográfico — digo, tentando fazê-la sentir-se melhor.

— Ficas tão fofo vestido de astronautinha, Jonas — diz ela, tentando fazer-me sentir melhor.

— E eu, que estou desempregado? Parece que ganhei as Olimpíadas da Desgraça! — declara o Danilo, por fim. — A sério, malta. Preciso mesmo de arranjar alguma coisa para fazer, porque passar o dia com aquele monte de crianças está a dar cabo de mim!

Por «monte de crianças», o Dan quer dizer os irmãos. Ele é o mais velho de cinco, todos adotados. Não sei da história ao pormenor porque ele não fala muito sobre isso, mas o Danilo foi o primeiro filho que os pais adotaram. Depois dele vieram a Elena, a Nathália, a Gabi e o Otávio, e sei isto porque houve uma vez em que ele me disse que as iniciais dos irmãos, por ordem de adoção, formavam a palavra DENGÔ, e eu nunca mais me esqueci.

— Mas estás à procura de alguma coisa específica? — pergunto-lhe, como se tivesse contactos profissionais fora do Rocket Café.

— Existe uma possibilidade de começar a dar aulas na academia de dança, no estúdio onde tive aulas no ano passado. O pessoal já me conhece e gosta de mim, mas ainda está tudo no ar. O chato é que a vaga é para uma turma de alunos mais novos.

— Mais crianças na tua vida, uau! — diz a Isa, com falso entusiasmo.

— Pois é! O diretor disse que me quer contratar, que acha que eu seria um bom professor, mas já se passaram uns dois meses e eu nem sei como o abordar para falar do assunto.

— Começa com «Olá, desaparecido!» e desenvolve o resto — sugiro.

— Relaxa, Dan. Estamos em janeiro e ninguém contrata no início do ano. Tenho a certeza de que depois do Carnaval vais arranjar alguma coisa — comenta a Isadora, bem mais sensata e racional do que eu. Como sempre.



— Por falar em Carnaval, tenho um convite importante — começa o Danilo.

— A resposta é não — interrompe a Isa, provavelmente porque odeia o Carnaval. E pessoas no geral.

— Deixa-o acabar! — digo, a olhar para o Dan com um sorriso, acredito eu, encorajador.

— No próximo mês, vai haver uma festa pré-carnaval numa discoteca gay na Augusta... — começa o Dan.

— Não, não, não, não... — murmura a Isa num coro de *nãos*.

— ... e consegui entradas VIP para vocês os dois, o que implica bebidas grátis — continua ele, tocando repetidamente no braço magro da Isadora.

— Talvez, talvez, talvez... — A Isa muda o seu coro.

— É uma festa de máscaras... — continua o Dan a explicar.

— Aaaaah, não, não, não...

— ISADORA, DEIXA-O FALAR! DANILO, DIZ TUDO DE UMA VEZ! SENHOR, TRAGA UMA DOSE DE BATATAS FRITAS! — começo a dar ordens descontroladamente. — Por favor! — completo, mas só para o empregado.

— Enfim, consegui os bilhetes porque meio que estou quase a namorar com um dos organizadores do CarnaGlitter, e quero muito que conheçam o Heitor, porque estou sempre a falar de vocês e acho que vai ser incrível. E estou a avisar com antecedência para que reservem todos o dia 12 de fevereiro só para mim — diz o Danilo, tudo de uma vez.

Engasgo-me com o gole de cerveja, e nem sei se é por causa do «quase namoro» do Danilo ou pelo facto de estar prestes a confirmar a minha presença VIP numa festa de máscaras chamada CarnaGlitter.

— CONTA TUDO! — diz a Isa quase a gritar, enquanto eu tento recuperar o fôlego e coordenar a respiração com as minhas gargalhadas, porque CarnaGlitter é realmente um nome muito bom.

O Dan começa a contar como ele e o Heitor se conheceram numa app de encontros, que o Heitor é viajado e já conheceu meio mundo, e que ele ainda está um bocado inseguro, mas definitivamente apaixonado.

— Sabem que eu nunca estou sozinho, estou sempre a sair com alguém — diz o Dan.



— Sabemos — respondemos eu e a Isa ao mesmo tempo.

— Mas desta vez sinto que é especial, sabem? — continua ele. — Desta vez até quero que o conheçam.

— Sinto-me honrada com o privilégio de conhecer a pessoa que anda a meter a língua na boca do meu melhor amigo — diz a Isa.

— Não só a língua... — responde o Dan.

— AAAAHHH — grito, tentando afastar a imagem do meu amigo a fazer sexo da cabeça.

— Tens de parar de ser tão púdico, Jonas — diz a Isa. — Até parece que ainda vais à missa todos os domingos.

— Primeiro — respondo na defensiva —, eu não sou púdico. E segundo, quem é que ainda diz «púdico»?

— Trabalhar na escrita de palavras cruzadas faz isso ao vocabulário de uma pessoa, não há volta a dar — comenta a Isa, bebendo mais um gole de cerveja.

— Não vamos mudar de assunto. Quero é saber dessa história de o Jonas não ser púdico. Há alguma coisa que devemos saber? Hã? Hã?

E enquanto o Danilo se inclina para mim, movendo as sobrancelhas para cima e para baixo, sei exatamente do que ele está a falar. Da minha virgindade, claro.

É muito difícil ter 19 anos (quase 20) e ser o único virgem do grupo de amigos. É difícil porque tive de aguentar as mesmas piadinhas durante três anos e, ainda pior, porque eu quero fazer sexo tanto quanto os meus amigos querem que eu faça sexo, acreditem.

Mas, na minha cabeça, as coisas não funcionam com essa simplicidade toda. Eu sou romântico, quero que seja especial, com um rapaz fixe, e não com um desconhecido, no banco traseiro de um carro qualquer, enquanto toca Marisa Monte na rádio (foi assim com o Danilo e, apesar de não ser o cenário ideal, adoro essa história). E depois há toda aquela outra parte do meu cérebro que eu evito ao máximo. Aquela parte onde existe um Deus a julgar-me pelos meus pensamentos pecaminosos (e constantes) sobre sexo gay.

Não é como se eu ainda acreditasse em tudo o que aprendi ao crescer na igreja, mas uma pequena parte de mim ainda se sente um pouco assustada, porque viver tantos anos numa realidade tão religiosa



criou um medo de Deus em mim. E, consequentemente, medo de mim próprio. Sempre que *penso* em sexo, lembro-me do Jonas de 13 anos, que chorava e pedia perdão sempre que se masturbava. E, como essa confusão toda ainda existe na minha cabeça, limito-me a esforçar-me para não pensar nisso nunca. É uma ótima técnica.

— Continuo a ser o virgenzinho do grupo, se é isso que queres saber — respondo, sem grande entusiasmo.

— Mas não há ninguém na tua vida? Nenhum rapaz? — pergunta o Dan, cruzando as pernas e colocando a mão no queixo.

— Esta conversa está a tornar-se numa mistura bizarra entre uma entrevista com celebridades e um jantar de Natal em família — comenta a Isa.

Por um segundo, até penso em contar-lhes sobre como esta semana flirtei com o cliente mais giro que apareceu no Rocket, mas a história do Barba Ruiva é tão parva que não tenho coragem de a dizer em voz alta. Tento brincar, porque parece-me ser a melhor saída.

— Estou mais focado nos meus projetos pessoais, sabes como é — digo, usando uma garrafa vazia de cerveja como microfone.

— Adoro falar de projetos pessoais! Vamos falar dos teus projetos pessoais! É muito melhor do que falar de rapazes! — diz a Isa, com mais entusiasmo do que seria necessário. Talvez seja da bebida.

— Nas últimas semanas tive pelo menos umas trinta ideias razoavelmente boas para o meu novo livro — digo, como se tivesse algum livro *antigo*. — Ainda não consegui avançar com nada, mas sinto que em algum momento vai acontecer. Sinto que está próximo, sabem?

A Isa e o Dan sempre souberam da minha vontade de escrever. Na escola, até chegaram a ler alguns textos, mas, desde que nos formámos, nunca mais lhes mostrei nada. Talvez porque nunca mais escrevi nada que merecesse ser lido por alguém, mas, lá no fundo, tenho medo do que a Isa possa achar da minha escrita, agora que é universitária, com um emprego que envolve palavras complicadas e tudo mais. Não existe a possibilidade de mostrar os meus textos ao Dan sem os mostrar também à Isa, então, no fim das contas, não os mostro a ninguém.

— Continuas a anotar tudo naquele caderno? — pergunta a Isa, genuinamente interessada, e eu sinto-me um monstro por ter medo do que ela possa pensar da minha escrita.



— Sempre! Mas acabei por comprar um novo, para o poder trazer sempre comigo — digo, tirando o caderninho do bolso de trás das minhas calças de ganga.

— Quero ver! — grita a Isa, arrancando o caderno da minha mão. O Dan puxa a cadeira para mais perto, e os dois ficam juntinhos a folhear as páginas com curiosidade.

Sinto o rosto a arder de vergonha, porque não há filtro nenhum no caderno de ideias; há coisas muito más ali. Mas realmente não me importo, porque nunca escondi nada deles.

— Olha esta aqui — diz o Dan, apontando para uma das páginas e lendo em voz alta. — *Ideia número vinte e dois: Lenhador bonzão apaixonou-se por um rapaz, mas acaba tudo em drama quando ele descobre que o pai desse rapaz matou a raposa de estimação que ele tinha em criança.*

— Essa é muito má — digo.

— É mesmo — comenta a Isa, sem tirar os olhos do caderno. — *Ideia número trinta e seis: Invasão alienígena do mal começa a raptar toda a população LGBT do mundo, e a salvação está nas mãos de um herói intergalático bonito e da sua copiloto, que é uma drag queen barbuda.*

— Foram levemente inspirados no Han Solo e no Chewbacca — digo.

— Quero esse livro para ontem! — diz o Dan, empolgado, puxando o caderno da mão da Isa para continuar a ler. — *Ideia dezassete: Rapaz viaja para outras dimensões com um artefacto mágico que encontra numa caixa de cereais.*

— Essa precisa de ser melhorada — admito.

— *Ideia vinte e oito: Power Rangers, só que todos gays, e talvez tenham um cão que também pode ser um Ranger* — lê a Isa, com um sorriso no rosto e sem tirar os olhos das páginas.

— *Ideia vinte e nove: — O Dan volta a pegar no caderno. — Bombeiro sexy. E é só.*

— Pronto, já chega — digo, estendendo o braço e tentando recuperar o caderno. — Já passei vergonhas suficientes por hoje.

— As tuas histórias têm tudo para serem incríveis, Jonas — diz a Isa, folheando o caderno até às últimas páginas.

— Principalmente as que envolvem bombeiros sexy e drag queens a pilotar naves espaciais — completa o Dan.



Fico envergonhado mais uma vez. No fundo, sei que eles só estão a elogiar as minhas ideias porque são meus amigos.

— Ideia sessenta e cinco: — lê a Isa. — *A história da Karina.*

A mesa fica em silêncio.

— A Karina do trabalho? — pergunta a Isa, que faz questão de lhe chamar «Karina do trabalho», como se eu tivesse outras Karinas na minha vida.

— A própria — respondo.

— Pois — diz ela, seca, devolvendo-me o caderno.

Por algum motivo, a Isa não gosta da Karina. Na verdade, considerando que as duas nem se conhecem, acho que ela não gosta é da minha amizade com a Karina. Como se, de alguma forma, se sentisse trocada ou abandonada. A insinuação já surgiu algumas vezes, mas a Isa nunca pareceu tão irritada como agora. Poderia argumentar que não reclamo quando ela desmarca planos comigo por causa das «coisas da faculdade», mas não estou com cabeça para esse tipo de discussão.

Então, como sempre, fico calado.

— Tens de escrever sobre nós, um dia — diz o Dan, tentando amenizar a situação. — Imagina um livro de fantasia com os nossos alter egos.

É o suficiente para tirar a cara amuada à Isa e, em menos de um segundo, estamos os três a rir.

No 12.º ano, a comissão de finalistas decidiu fazer t-shirts personalizadas para a turma. O primo de uma das nossas colegas era graffiter e cartoonista, e alguém achou que seria boa ideia ele desenhar caricaturas nossas para as t-shirts. Quando chegaram, foi um desespero. Infelizmente, o primo da rapariga era um péssimo graffiter e cartoonista, e todas as t-shirts ficaram horríveis. Mas, como se isso não fosse suficiente, a Mayara (a presidente da comissão, que sinceramente nem sei como conseguiu o cargo) preparou uma surpresa e cada um de nós foi retratado na t-shirt com um alter ego. Um rapaz que adormecia nas aulas foi desenhado como o Soneca da Branca de Neve. Uma das raparigas mais cuscas apareceu com um uniforme do FBI na sua caricatura, porque descobria tudo sobre todos.

Eu, o Danilo, a Isadora fomos desenhados como um duende, uma fada e uma bruxa, respetivamente. O Dan era a fada por ser mais



efeminado, a Isa era a bruxa porque só vestia preto, e eu era o duende porque, bem, tenho um metro e cinquenta e nove. E é possível que, na altura, tivesse uns dois centímetros a menos. Não é que me meça com frequência (meço-me com frequência).

A piada de tudo isto é que a turma inteira recebeu um alter ego ridículo na t-shirt, enquanto o da Mayara, a presidente, era a própria Beyoncé! E a Mayara é branca! E só percebemos que era a Beyoncé depois de ela nos ter *dito*, porque a caricatura era muito, muito feia.

— Até hoje não aceito não ter sido eu a Beyoncé da turma — diz o Dan, e nós os três continuamos a rir.

A tarde transforma-se em noite enquanto falamos sobre o pessoal da escola, comentando quem está mais bonito, quem está mais feio, quem já casou e quem já teve filhos (um número um pouco alarmante, considerando que a maior parte da turma deve estar a chegar aos vinte anos).

Depois de algumas cervejas, peço uma Coca-Cola e começo o meu ritual para ficar sóbrio antes de voltar para casa.

— Não posso demorar, a minha mãe pensa que estou no trabalho — digo.

— A fugir da igreja outra vez? — pergunta a Isa.

— Como o diabo foge da cruz — respondo, e ninguém se ri da piada porque foi realmente má. E depois, começamos os três a rir justamente porque ninguém se riu da piada. Eu adoro os meus amigos.

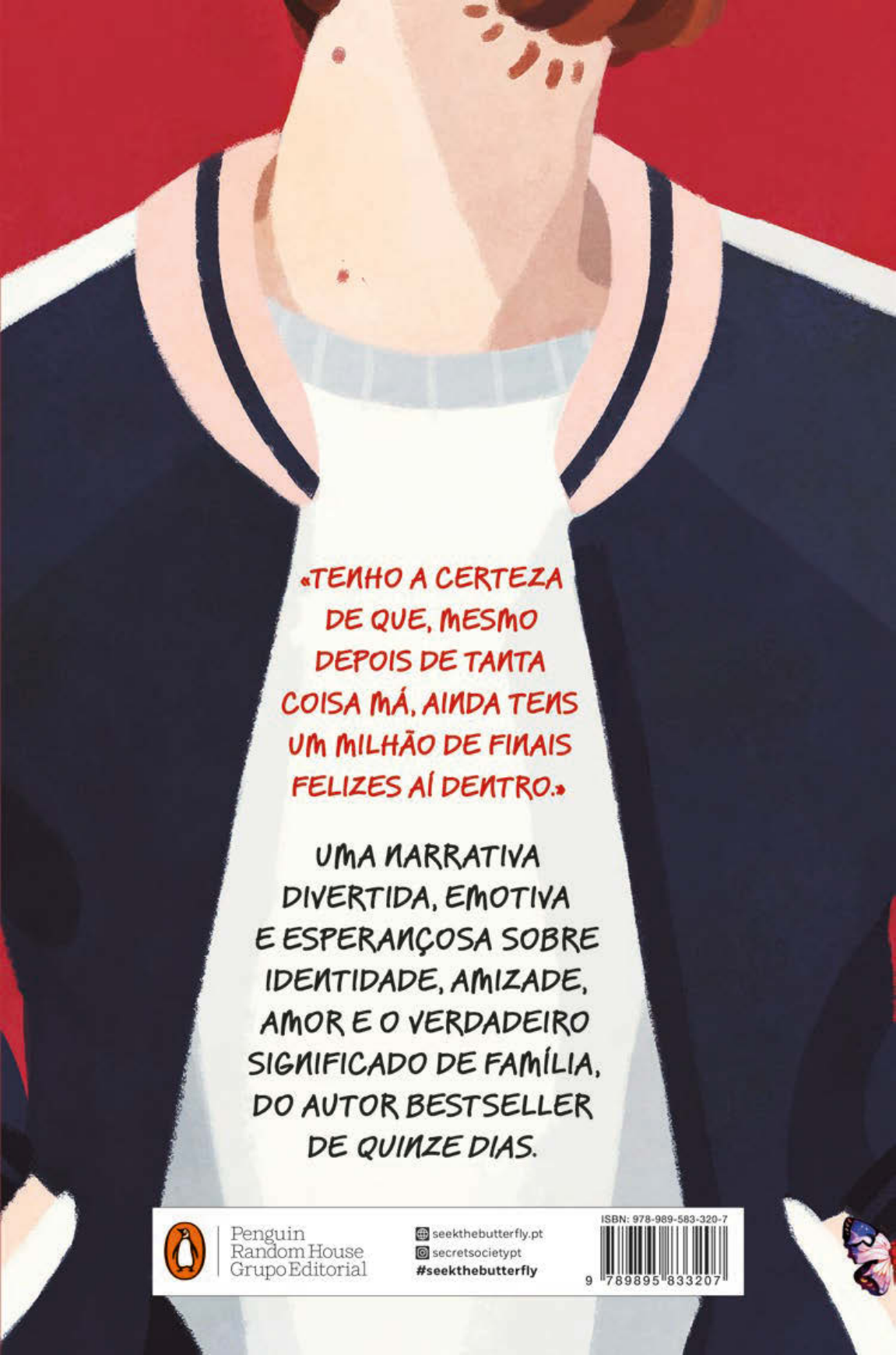
Estar com eles dá-me uma sensação momentânea de liberdade, mas os meus ombros vão ficando mais pesados à medida que começo a juntar as minhas coisas para pagar a conta e ir embora.

Compro uma pastilha de mentol para que os meus pais não reparem no meu hálito a álcool, despeço-me da Isa e do Dan, já a contar os dias até ao nosso próximo encontro, e vou embora.

Num mundo ideal, todos os meus fins de semana seriam assim: com os meus amigos, a conversar e a sentir-me leve. Mas, no mundo real, estou no metro vazio, a rezar para que a minha mãe já esteja a dormir quando eu chegar a casa porque estou farto de contar mentiras por hoje.

Abro a mochila, tiro o livro que estou a ler e desisto da leitura logo no primeiro parágrafo, porque... Quem é que quero enganar? Ainda estou demasiado bêbedo para ler.





«TENHO A CERTEZA
DE QUE, MESMO
DEPOIS DE TANTA
COISA MÁ, AINDA TENS
UM MILHÃO DE FINAIS
FELIZES AÍ DENTRO.»

UMA NARRATIVA
DIVERTIDA, EMOTIVA
E ESPERANÇOSA SOBRE
IDENTIDADE, AMIZADE,
AMOR E O VERDADEIRO
SIGNIFICADO DE FAMÍLIA,
DO AUTOR BESTSELLER
DE QUINZE DIAS.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 seekthebutterfly.pt
 secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-563-320-7



9 789895 833207

